

O CANGAÇO E O MUNDO FANTÁSTICO DAS BOTIJAS: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS-PB

Danilo de Sousa Cezário*

O presente artigo objetiva analisar a relação entre o cangaço e as práticas de entesouramento de bens pessoais, tais como moedas de ouro, prata ou bronze, assim como jóias ou objetos de valor sentimental, provocando o fenômeno conhecido popularmente como botijas, na pequena cidade de São José de Piranhas, no Sertão Paraibano. Na pesquisa será de fundamental importância os conceitos de práticas e representações do historiador Roger Chartier, também os conceitos usos do Michel de Certeau e de circularidade cultural por meio do Carlo Guinzburg. Para a realização do estudo faremos uso da História Oral enquanto metodologia e da bibliografia local que trata do tema em questão.

Palavras-Chave: Cangaço; Entesouramento; Botijas.

Durante a primeira metade do século XX, o Brasil passava por inúmeros movimentos e revoltas sociais que abalaram suas conjunturas político-sociais. Nesse período, o mundo vivia um transtorno imenso devido aos abalos da Primeira e Segunda Guerra Mundial, e a ascensão dos regimes Nazistas e fascistas.

De todos os movimentos e revoltas sociais ocorridas, aqui no Brasil, no início da Primeira republica, um dos mais marcantes foi o Cangaço¹ devido à repercussão jornalista. Este movimento social repercutiu com mais intensidade na região nordeste. Sendo composto por grupos de homens e também mulheres armados, mais conhecidos como cangaceiros. Esses grupos surgiram em função das péssimas condições sociais, injustiças e por desordem política nordestina.

Os ataques a muitas cidades do sertão nordestino, fazendas e em comboios eram atitudes rotineiras e violentas que caracterizavam os cangaceiros. Perpetuando até os dias atuais inúmeros relatos sobre as atrocidades destes bandos. Dentre estes, o que teve mais destaque foi o comandado por “Lampião”².

* Graduando do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande e professor do Quadro pró-tempore do Estado da Paraíba e do Colégio e Curso Definição (GEO).

¹ Cangaço foi um fenômeno ocorrido no nordeste brasileiro de meados do século XIX ao início do século XX. O cangaço tem suas origens em questões sociais e fundiárias do Nordeste brasileiro, caracterizando-se por ações violentas de grupos ou indivíduos isolados: assaltavam fazendas, sequestravam coronéis (grandes fazendeiros) e saqueavam comboios e armazéns.

² Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, nasceu na Serra talhada em 4 de junho de 1898, mais exatamente na cidade de Vila Bela, atual Serra Talhada, no semiárido do estado de Pernambuco e foi o terceiro filho de José Ferreira da Silva e Maria Lopes. O seu nascimento, porém, só foi registrado no dia 7 de agosto de 1900.

Algumas pessoas admiravam, outras ficavam com medo, outras criticavam, mas o que fez o cangaço ficar mais conhecido foi à ousadia nas suas batalhas.

Os cangaceiros não seguiam as leis estabelecidas pelos governos e cleros. Em decorrência disso, eles possuíam uma vida “nômade”, locomovendo-se de um lugar para outro em decorrência da perseguição política e policial. O cangaço se expandiu por quase todos os estados do nordeste.

Na Paraíba, influenciou a rotina e o cotidiano do povo sertanejo. Em várias cidades o comércio foi afetado e a população ficou em desespero.

O historiador piranhense Messias Ferreira³, em seu livro: “São José de Piranhas: um pouco de sua história”⁴, relatou a única passagem de Lampião nas terras de São José de Piranhas⁵:

Lampião só passou no município (de São José de Piranhas) uma única vez nos dias 25/26 de outubro de 1925, Bonito de Santa Fé não era Comarca e sim distrito de São José de Piranhas, que era na época cabeça de Comarca [...] A corja maldita ao passar no sítio Cabrais, por volta das nove horas, na propriedade da viúva Chiquinha Ramalho, encontrou a casa praticamente vazia [...]. (LIMA, 2010: 29)

A população piranhense ficou com medo do que poderia fazer o bando de Lampião. Escondiam seus pertences valiosos em vasilhas, latas e em potes de barro que enterravam no chão. Essa seria uma das táticas mais eficazes para proteger seus bens de valores. Assim nos contou a senhora Maria Monteiro:

Eu lembro como se fosse hoje, mamãe apavorada porque Lampião poderia roubar as economias dela e as jóias que minha bisavó tinha deixado. Ah! meu filho! foi aquele “bafafa”⁶. Todo mundo da região estava a todo momento correndo para o “mato” com medo. Muitas dessas botijas que existe até hoje, é devido a esse medo do povo de ser roubado pelos cangaceiros. Eu mesmo morria de medo. (MONTEIRO, 2000)

As práticas de enterrar dinheiro ou bens embaixo do solo vêm desde os tempos remotos. No Egito, por exemplo, as inúmeras e misteriosas pirâmides escondiam muitos tesouros que ao mesmo tempo aguçavam a ganância, mexiam com o imaginário das pessoas. Estes

³ Professor Licenciado em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras, especialista em História do Brasil.

⁴ Livro Publicado no ano de 2010, baseado em depoimentos, cartas e documentos. Rememorando a história da Cidade de São José de Piranhas.

⁵ Cidade localizada no Alto Sertão paraibano, na microregião de Cajazeiras, a 503 Km da capital João Pessoa.

⁶ Tipo de gíria que representa: tumulto, algazarra ou confusão.

tesouros, além de estarem povoados por seres reais e imaginários, despertam também o espírito dos aventureiros que durante séculos enveredam em seus labirínticos caminhos para descobrir tesouros. Não podemos esquecer as incríveis aventuras de Ulisses, o herói grego da Odisseia, que investido na armada grega, depois de pilhar alguns tesouros, os esconde. Aguçando a cobiça de marinheiros de toda a Grécia.

Podemos associar a prática de enterrar dinheiro e bens de valor à visita de cangaceiros e desordeiros ou a avareza dos praticantes. Assim, as perspectivas entre o mundo crível e o mundo incrível destes tesouros enterrados perpetuaram até os dias atuais. Até hoje, nossos avós e pais narram estas façanhas, contando com detalhes, relatos de vizinhos, primos, tios e pessoas que viveram ou conheceram estes acontecimentos.

Abre-se aqui então, uma discussão para esclarecer que as passagens dos amedrontadores cangaceiros por inúmeras cidades do sertão, bem como a ausência das entidades bancárias⁷, não possuem por si, uma justificativa para as aparições das botijas encantadas. Pois, as botijas encantadas somente podem ser analisadas a partir do entendimento da crença do mundo incrível, do amedrontador e do merecedor.

Então lança-se a pergunta: O que são na verdade Botijas? Câmara cascudo⁸, em seu livro, Dicionário do Folclore Brasileiro, relata que botijas são recipientes que “eram curtas, bojudas, com uma asa” (CASCUDO, 1998:181). Portanto, Botijas são tesouros – ouro, prata, moedas, jóias - enterrados por uma pessoa em vida, que na sua maioria são avarentas. Com o passar do tempo esta pessoa chega a falecer e sua alma ficaria penando no purgatório. Para esta alma ser salva teria que doar a botija a alguém que fosse merecedor.

Esta prática de se enterrar dinheiro foi comum durante muito tempo na antiguidade. Não existiam entidades bancárias ou qualquer outra forma de assegurar suas economias sem que os bandidos, desordeiros ou cangaceiros roubassem.

As botijas, enquanto práticas culturais ganham um sentido maior, sendo um tesouro enterrado, não só nos potes de barro – botija-, mas em outros recipientes, tais como: painéis de ferro, caixas de madeira, artefatos de couro ou utensílios domésticos.

Quando entrevistamos a senhora Joana Oliveira, a mesma declarou que:

⁷ Instituição financeira, empresa ou organização que, por meio de uma rede de agências, recebe pagamentos e depósitos em dinheiro ou em materiais.

⁸ Luís da Câmara Cascudo nasceu em Natal, foi historiador, antropólogo, advogado, jornalista e escritor brasileiro.

Essas histórias de botijas para se acreditar nelas, têm que acreditar primeiramente no purgatório, nas assombrações e também na coragem do homem ou mulher merecedor desta botija. Ah! eu mesma acredito nestas histórias, minha mãe me contava que aparecia muitos animais de “sete cabeça”⁹, uns bichos de olhos vermelho. Tinha que ter coragem mesmo para ir ao encontro dessa fortuna encantada. (OLIVEIRA, 2010)

Neste depoimento da senhora Oliveira, podemos perceber que depois de enterrado, o tesouro passa por um entesouramento¹⁰ e por um encantamento para se tornar botija. Após isso, passa a surgir um tipo de prova – psicológica – para o então merecedor.

Quando entrevistamos outro depoente, o Senhor José Cezário, o mesmo afirmou que as botijas sempre eram resultados de inquietações de almas de outro mundo. E elas serviam para salvar a alma de quem a enterrou.

Uma vez, uma mulher apareceu em um sonho para entregar uma botija para minha tia, ela falava que esta botija tinha que ser desencantada para que a alma dela saísse do purgatório e fosse salva. Mais para isso era preciso celebrar uma missa, comprar umas flores e ir deixar no túmulo de outra mulher. Ela não foi desenterrar porque teve medo, medo do assombroso, do sobrenatural. (CEZÁRIO, 2009)

Contudo, estes fantasmas faziam e fazem isso por motivos de estarem atormentadas. Discurso reforçado pelos cristãos, que rezam para que aquelas pessoas que padecem no purgatório por motivos de ganância, ambição ou mesmo insegurança sejam salvas e ascendam ao céu. Isto é afirmado por outra rememoradora, a Sra. Dora Morais, em que afirma que para se desenterrar uma botija tem que ter o coração bom e sem ambição:

Se a ambição for grande, a botija vira terra, vira besouro, vira tudo. Com ambição não arranca [a botija], se for com olho gordo não arranca. A pessoa tem que ir arrancar sem pensar em nada. E outra, se a alma num dê [a botija] nem vá, porque você num arranca não. A pessoa vê um monte de coisa mais não arranca não. (MORAIS, 2010)

Apesar das dificuldades que se possam enfrentar para se merecer e conseqüentemente desencantar uma Botija, percebe-se que estas estão, em sua maioria, motivadas por ambição ou avareza. Estes dois sentimentos que podem, segundo nossos depoentes, fazer com que a botija suma virando carvão, besouro ou barro se misturam ao medo e desmotivam os merecedores.

⁹ Algo que é complicado, cheio de mistério e desafiador.

¹⁰ O termo Entesouramento designa a prática de se enterrar de propósito um tesouro ou valores monetários (notas, moedas metálicas, ouro ou jóias).

Em meio a isto, percebemos que essas botijas estão sempre ligadas a monumentos históricos – casas de taipa, de pedra ou alvenaria – sejam elas, construções coloniais, imperiais ou republicanas, em sua maioria desabitadas, que remontam aos povos holandeses, franceses, italianos ou portugueses. Ou ainda em árvores centenárias, tais como, algarobas¹¹, oiticicas ou jatobás, por servirem de ponto de referência para o desenterramento do tesouro.

Confirma-se através do depoimento da Sra. Dara Moura, que estes achamentos sejam tanto na zona rural como na zona urbana. As pessoas se entrelaçam e se comunicam narrando – e muitas vezes aumentando – as histórias de botijas. Assim relata à memoranda:

Meu filho, antigamente tinha muitas botijas para ser desenterradas. Tanto no sítio como na rua(cidade), naquelas casas grandes que tinham sótão¹². Ui! bate até medo em pensar. Mais era verdade. Mais só dá medo porque o povo antigamente exagerava quando se falava de botijas falando que a pessoa que desenterrasse até morre, morria. Era um povo medroso para essas coisas assim, porque a igreja falava que era pecado. (MORAIS, 2010)

No depoimento supracitado, percebe-se que a Igreja em pleno século XXI, controlava a mentalidade humana. A ponto de impedir que certas práticas culturais fossem concretizadas, metendo medo nos fiéis.

Este mundo repleto de monstros, de espíritos, de mercedores e de avarentos, perpetua até os dias atuais através da oralidade, seja pelos moradores das cidades antigas, das narrativas fantásticas: textos míticos, histórias de alma, milagres, romances de cordel e as mais populares histórias de Trancoso.

Neste sentido, o achamento e o desencantamento da Botija, relacionam-se as almas penadas que estariam à procura de uma pessoa escolhida, não avarenta, que tenha coragem e fé em sua religião. Ela estaria esperando por este desencantamento para se libertar das garras de algo maligno.

Neste universo, a botija passa a ser desejo de muitas pessoas, muitos sonhadores que possuem inúmeras fantasias de mudar de vida, de ficar milionários sem trabalhar e estudar, visto que as botijas envolvem dinheiro e riquezas, e o dinheiro desencadeia a ambição humana. Sobre isso, o depoente José Cezário declarou que:

Ah, bem eu queria que uma alma penada vinhesse para me entregar uma botija para eu desenterrar. (sic) Mais tinha que ter muito dinheiro, muito

¹¹ Uma árvore, de nome científico (*Prosopis Juliflora*) mais conhecida e plantada no sertão nordestino. Agüenta inúmeros períodos de estiagem.

¹² Divisão para acomodar diversos equipamentos de manutenção e armazenamento de suprimentos alimentares.

mesmo, porque o povo não iria acreditar e ia falar que eu roubei esse dinheiro e sendo muito dinheiro eu não tinha que dar satisfações a ninguém. Nem a polícia, nem a justiça, nem a minha família. Só ia falar que o dinheiro era meu. (CEZÁRIO, 2011)

Outras narrativas se fundem acerca das botijas encantadas e seu universo assombroso. A historiadora Maria do Socorro Cipriano¹³, que em sua tese de Doutorado Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba, narra inúmeros fatos sobre este magnífico mundo. Na sua tese, ela aborda este universo a partir de um discurso conceitual de Michel de Certeau¹⁴, bem como das produções de Gilberto Freire e Durval Muniz¹⁵.

Desta forma, os diálogos sobre as botijas vão deixando de ser apenas um discurso oral voltado para as histórias de trancoso contada nas calçadas das casas e nos sítios pelos mais velhos. Elas passam, através do historiador e do sociólogo a ganhar um espaço no mundo da história através destas narrativas fundadas com teorias concretas. Resta-nos, discutir estas histórias culturais dando vez e voz aos nossos rememoradores, que possuem um universo de sonho, medo e até mesmo fascinação por estas narrativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, Viera. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: JN. ED. Massangana; São Paulo: Corte, 1999.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Coleção terra Brasilis. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CIPRIANO, Maria do Socorro. **A Botija encantada e o mundo do avarento**. In.: ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega(org.). et al. *Historiografia e(m) diversidades: artes e artimanhas de fazer histórico*. João Pessoa: Editora da UFCG, 2010.

¹³ Doutora em História e docente do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

¹⁴ Michel de Certeau foi um historiador francês que dedicou seus estudos as ciências sociais e filosofia, publicando inúmeras obras que contribuíram para a história, religião e cultura.

¹⁵ Durval Muniz de Albuquerque Júnior é Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas, Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Barcelona, professor adjunto do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, membro do corpo docente dos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco e de Sociologia de Campina Grande e na Universidade da Paraíba.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Trad. Ephraim ferreira Alves. 2ª ed. V 1 Petrópolis: Vozes, 1994.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal. 38ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora record, 2000ª.

_____. **Sobrados e mucambos: a continuidade de Casa Grande & Senzala**. 11ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora record, 2000b.

_____. **Assombrações do Recife Velho**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2000c.

LIMA, Messias Ferreira. **São José de Piranhas: Um pouco de Sua História**. Cajazeiras: Editora real, 2010.

LÓSSIO, Rúbia. **Dicionário do Folclore Brasileiro Para Estudantes**. Disponível Em: <http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/diconario.htm>. Encontrado Em: 16 de julho de 2010.

MARTINS, Marcos Lobato. Assombrações em Diamantina. Revista Leitura da História. Disponível em: <http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/12/artigo100855-6.asp>. Acesso em: 20/09/2011.

FONTES ORAIS

CEZÁRIO, José Sobrinho. **Entrevista concedida ao autor**. São José de Piranhas. 16. junho de 2011.

JESUS, Maria Monteiro de. **Entrevista concedida a Sra. Maria Lourdes Sousa**. São José de Piranhas. 25. Dezembro de 2000. Transcrita por **Danilo de Sousa Cezário**.

OLIVEIRA, Maria Irací de. **Entrevista concedida ao autor**. São José de Piranhas. 16. Junho de 2010.

MORAIS, Dora Maria de. **Entrevista concedida ao autor**. São José de Piranhas. 16. Junho de 2010.